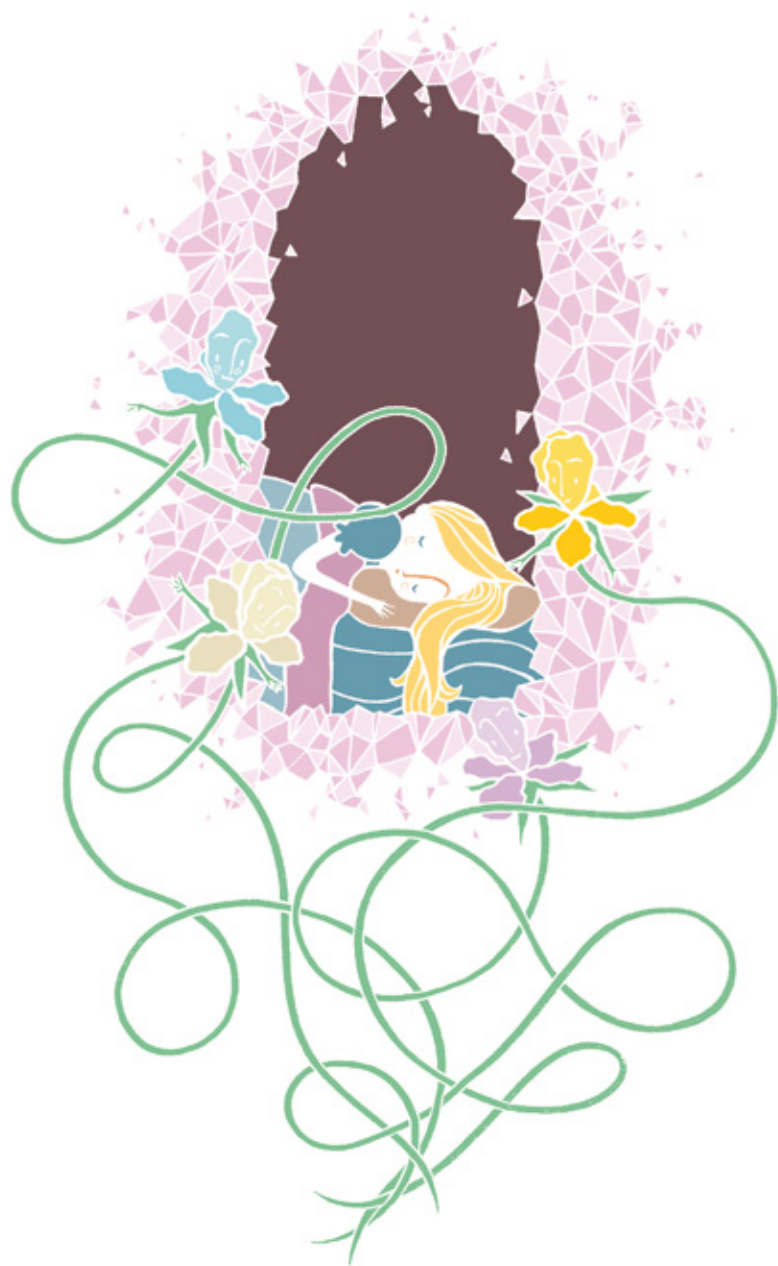


• Patrice Pacheco •



Voar
nas
Asas
do
Sonho



A sociedade das estrelas fica situada no Concelho da Fantasia. Ali, os dias são convidativos ao sonho e as noites propostas claras de ilusão.

Há muitos anos, nesse reino encantado, morava uma linda menina, chamada Ísis. A sua casa era construída em pedra rosa e possuía grandes janelas, que, todas as manhãs, acordavam para o mundo. Ao redor da casa, as íris pintavam o jardim de azul, púrpura, branco e amarelo e a sua fragrância invadia-lhe o pensamento.

Na verdade, os seus olhos azuis confundiam-se com a flor-de-lis e a sua pele branca absorvia a frescura e a pureza das flores, que lhe purificavam o corpo e a alma. Até o seu nome se confundia com aquelas plantas, obrigando-a a embarcar nas asas da imaginação.

Um dia, como tantos outros, os braços solares entraram pela sua janela e, com um suave toque, abriram-lhe os olhos, como se de cortinas se tratassem. A menina não sabia bem porquê, mas sentia que aquela manhã era especial e diferente. Levantou-se, ainda sonolenta, e, enquanto despia o pijama e ia à casa de banho, ouviu uma voz que sussurrava:

— Íiiiiiiiiiiiiis!

A escova de dentes parecia mais brilhante e empurrava as suas pequenas mãos, de um lado para o outro, assemelhando-se a um carrossel desgovernado; a água salpicava gotas cristalinas, que lhe realçavam a beleza dos olhos e até o sabão deslizava como se tivesse patins em linha.

No entanto, só quando chegou ao quarto é que percebeu que a voz vinha do jardim e, olhando pela janela, reparou que as flores tinham cores mais vivas. De seguida, vestiu o seu fato de treino azul-celeste e, fazendo equilíbrios, saltou pela janela.

Foi-se aproximando devagar e, à medida que passava pelas flores, parecia um arco-íris, que refletia a cor. Nesse instante, embarcou na máquina da imaginação e pensou dedicar-se ao mundo artístico, transformando-se, de imediato, numa pintora de sonhos.

As telas brancas camuflavam sentimentos, magia e ilusão e os quadros eram arte da mais genuína, nos quais as cores se abraçavam como peças de um puzzle.

No entanto, os seus olhos pareciam lagos lacrimejantes; as bochechas, cascatas de desilusão e o coração um encontro de sentimentos contraditórios.

Nesse momento, a visão ficou turva e, de todos os sentidos, apenas o tato lhe obedecia, o que a fez acreditar que seria mais feliz como escultora. E, num passe de mágica, as suas mãos começaram a moldar as flores em fascinantes esculturas e, sem se cansar, surgiram peças únicas e fantásticas. O brilho daquelas obras de arte era de tal forma intenso que até os pássaros — os outros habitantes do jardim — ficavam mais alegres.

Todavia, os olhos da pequena princesa — como a mãe lhe chamava — pareciam um espelho confuso e, quando observavam aquelas esculturas, enchiam-se de dor, de tal forma que o azul se confundia com as cores das obras e tudo parecia negro.

Analisando a situação, a menina chegou à conclusão de que seria melhor desistir, pois o mundo das artes era muito duro e jamais seria capaz de viver com o coração angustiado e talhado de dor.



Nesse instante, Tim, um pequeno canário amarelo, com uma linda mancha na cabeça, esvoaçou para a sua frente e perguntou-lhe assustado:

— Qual a razão de tanta tristeza?

— Eu queria ser artista, mas sinto que o meu coração não se satisfaz com nenhuma das artes que escolho. — disse, soluçando.

— Talvez não tenhas escolhido a arte certa, mas podes procurar outra. — afirmou, tentando confortá-la.

— Qual me sugeres, Tim?

— A música! Eu posso ajudar-te e tenho a certeza que serás feliz, pois quem canta os seus males espanta.

— Eu gostava de ser um rouxinol colorido, que fosse capaz de encantar o mundo com uma melodia delicada e doce. Gostava de encantar os ouvidos, como se fosse uma ninfa poderosa.

E, mal terminou o desejo, começou a cantarolar, parecia que os fonemas eram os seus amigos de sempre.

Na realidade, as notas musicais saíam da sua pequena boca e invadiam todo o jardim, como se ganhassem vida, assemelhavam-se a balões falantes, cujas expressões eram humanas.

Nesse instante, todos os habitantes do jardim a aplaudiam vendo nela uma cigarra encantada, que, com a sua voz doce, dava vida ao horto, de tal forma que as flores deixaram de ser o público e transformaram-se em instrumentos musicais, a jeito de construir uma orquestra harmoniosa.

Nesse reino encantado, a fantasia parecia a companheira fiel de Ísis. Todavia, num momento de lucidez, o coração da pequena princesa tremia como se cada nota fosse uma lança laminada no seu peito, o que a faz entender que a música nunca faria parte da sua alma. Assim, pequenos ribeiros salgados começavam a deslizar pelo seu rosto infantil.

De repente, ouviu uma voz suave e meiga, vinda de um lindo "quatro-patas" de confiança, o seu cão Nico.

— Já pensaste juntar a música e a imagem e pô-las em movimento? — propõe, com os olhos cheios de carinho.

— Para quê? — respondeu desiludida!



• Patrice Pacheco •



O Voar nas Asas
do Sonho:
Teatrinho
da
Arte

editame